

HISTÓRIA DA ÁFRICA A PARTIR DO ROMANCE GRÁFICO AYA DE YOPOUGON

THE HISTORY OF AFRICA BASED ON THE GRAPHIC NOVEL AYA DE YOPOUGON

HISTORIA DE AFRICA DESDE LA NOVELA GRÁFICA AYA DE YOPOUGON

Aline Praxedes de Araújo

Mestre em História. Universidade Federal da Paraíba.
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Bolsista Capes.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7781-1560>
E-mail: alinepraxedes3@outlook.com.br

Aparecida Barbosa da Silva

Mestre em História. Universidade Federal de Campina Grande.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7357-6770>
E-mail: aparecidabarbosa20@gmail.com

Carlos Adriano Ferreira de Lima

Doutor em Literatura. Universidade Estadual da Paraíba.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9360-7113>
E-mail: carlos.adriano.lima@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem como escopo uma proposta pedagógica da aplicabilidade da Narrativa Gráfica *Aya de Yopougon* (vol. 1 e 2) (ABOJET; OUBRERIE, 2011; 2012), reconhecida pelo formato como História em Quadrinho (HQ), enquanto recurso didático para o ensino de História da África no Ensino Médio. A HQ apresenta como enredo a vida da personagem Aya, de 19 anos, residente no bairro de Yopougon, em Abidjan, na Costa do Marfim, no fim dos anos de 1970. O foco narrativo desloca-se entre as experiências vividas pelas três amigas, Aya, Bintou e Adjoua, e as de seus respectivos núcleos familiares. Apresentamos uma proposta analítica a partir de núcleos de discussões contidos na HQ que podem ser discutidos em sala de aula, como, por exemplo: a liberdade sexual feminina, as relações familiares e de afeto na cultura africana. A metodologia adotada é de cunho bibliográfico, pois levantamos a fortuna crítica acerca das temáticas presentes no artigo, como: HQ e educação, História da África e epistemologia de gênero africana. Nossa fundamentação teórica está alicerçada em autores como Waldomiro Vergueiro (2012), Carlos Serrano; Maurício Waldman (2010), entre outros e outras. O trabalho contribuirá com a comunidade acadêmica a partir de uma leitura sobre o ensino de História da África em uma perspectiva de gênero textual por meio do uso das HQs na educação.

Palavras-chave: História da África; História em Quadrinhos e Educação; *Aya de Yopougon*.

ABSTRACT

This article focuses on a pedagogic proposal concerning the applicability of the graphic novel *Aya de Yopougon* (vols. 1 and 2) (ABOJET; OUBRERIE, 2011, 2012), well-known for its format as a series of comic books, as a didactic resource for teaching History at High School. The graphic novel's plot follows the life the 19-year-old character Aya, who lives in the district of Yopougon, in Abidjan, in Ivory Coast, in the late 1970's. The narrative focus moves among the life experiences of the friends Aya, Bintou, and Adjoua, as well as those of their respective nuclear families. We present an analytical proposal based on the core discussions found in those comics which can be discussed in the classroom, such as, for instance: feminine sexual liberty and affective and family relationships in the African culture. Methodologically, this is a bibliographic study in

which we go over critical works on the themes found in the article, such as: comic books and education, Africa's history, and African gender epistemology. Our theoretical framework comprises authors such as Waldomiro Vergueiro (2012), Carlos Serrano and Maurício Waldman (2010), among others. This work will contribute to the academic community as it proposes a reading of the teaching of the History of Africa from a text genre perspective according to which comics may be positively used in education.

Keywords: History of Africa; Comics and Education; *Aya de Yopougon*.

RESUMEN

El presente artículo tiene una propuesta pedagógica de la aplicabilidad de la Narrativa Gráfica *Aya de Yopougon* (vol. 1 y 2) (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, 2012), reconocida por el formato como historieta (HQ), como recurso didáctico para la enseñanza de Historia de África en la educación secundaria. La HQ presenta la vida del personaje de Aya, de 19 años, que vive en el barrio de Yopougon, en Abidjan, Costa de Marfil, a los fines de la década de 1970. El curso narrativo se mueve entre las experiencias vividas por tres amigas, Aya, Bintou y Adjoua, y las de sus respectivos núcleos familiares. Presentamos una propuesta analítica basada en grupos de discusión contenidos en la HQ que se pueden tratar en el aula, como, por ejemplo, la libertad sexual femenina, las relaciones familiares y el afecto en la cultura africana. La metodología adoptada es de sello bibliográfico, pues elevamos la fortuna crítica sobre los temas presentes en el artículo, como: Cómics y educación, Historia de África y epistemología africana de género. Nuestra fundamentación teórica se apoya en autores como Waldomiro Vergueiro (2012), Carlos Serrano y Maurício Waldman (2010), entre otros y otras. El trabajo hará aportes a la comunidad académica a partir de una lectura sobre la enseñanza de la historia africana desde una perspectiva de género textual a través del uso de los cómics en la educación.

Palabras clave: Historia de África; Cómics y educación; *Aya de Yopougon*.

INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma proposta pedagógica para o ensino de História da África no Ensino Médio a partir da utilização da História em Quadrinhos (HQ) *Aya de Yopougon* (Vol. 1 e 2) (ABOUEY; OUBRERIE, 2011; 2012) enquanto recurso didático. Quanto à forma de nomear as HQs, esta varia por países, idiomas e proposta estética. Os principais nomes são os seguintes: em francês, *Bandes dessinées* é a forma como *Aya*, por exemplo, é catalogada pela editora Gallimard; em Cuba se denominam *Muñequitos*; nos Estados Unidos da América e Canadá, *Comics*, na Itália *Fumetti* e *Histórias* aos quadrinhos em Angola, para citar alguns dos mais recorrentes. Existe também a designação narrativa gráfica, que sintetiza, apresenta os elementos constituintes da narrativa com os elementos visuais, linguísticos, históricos e sociais que constituem seus enredos e projetos editoriais e conceituais mais arrojados que recebem a epítome de *Romance Gráfico* ou *Novela Gráfica*. Não atribuímos valor pela forma de nomeação no presente artigo, por isso recorreremos às formas de nomear coerentes com as duas publicações a que destinamos nossas análises.

Concordamos com a proposição de Waldomiro Vergueiro (2012) ao pontuar a necessidade de apresentar uma HQ em sala de aula para que seja trabalhado todo o conjunto da obra, portanto, deve-se compreender que se refere à observação de um roteiro, construção das personagens, qual a ambientação da obra, as escolhas de técnicas de desenho e demais elementos de sua composição, tais como cores e arte final.

Uma História em Quadrinhos é passível da leitura, análise e reflexão do processo educacional de qualquer modalidade de ensino. Seu sistema narrativo formado pela relação entre código visual e verbal constitui uma nova linguagem que, dependendo da obra, destaca-se por tornar acessíveis determinados temas e conteúdos; com isso, são várias as possibilidades para trabalhar com uma HQ, sendo possível selecionar uma das várias categorias, como: eixo de discussão, como a linguagem presente nos balões, uso ou ausência de sarjetas (espaçamento entre os quadros), escalas cromáticas da arte final, estilo do desenho, escolhas das formas e hachuras ou mesmo direcionar para uma análise aprofundada da obra, em sua multiplicidade de formas. Contudo, faz-se necessário que o (a) profissional da educação reconheça as singularidades do formato e decodifique os códigos particulares da linguagem para a constituição da narrativa gráfica, assim como da temática para que a HQ faça parte do conteúdo a ser trabalhado em sala e possa atingir seu objetivo e não seja apenas um elemento aleatório a ser levado para a sala de aula. Sendo assim, nosso objeto de análise contém os seguintes elementos: “História narrada por meio de desenhos contidos em pequenos quadros, com diálogos inseridos em balões ou com texto narrativo, sob a forma de legenda.” (NEIVA, 2013, p. 271).

Neste texto, apresentamos uma pesquisa de cunho bibliográfico com o objetivo de refletir e revisar a literatura sobre a temática, todavia utilizamos a HQ supracitada enquanto fonte, portanto a pesquisa também apresenta traços descritivos e interpretativos. Assim, configura-se como uma pesquisa qualitativa. De acordo com Augusto N. S. Triviños (1987), a pesquisa qualitativa é iniciada mediante o levantamento do acervo crítico acerca da temática trabalhada, de maneira que o (a) pesquisador (a) terá repertório teórico e metodológico para mudar o norte de sua pesquisa conforme o desenvolvimento é aprofundado e novas abordagens possam ser exploradas. O (a) professor (a) também é um (a) pesquisador (a) ao estar em sala de aula, pois é necessário que o (a) profissional esteja constantemente pesquisando para atualizar seu repertório e poder ofertar novos eixos de problematização e estímulo para os (as) discentes.

Assim, a escolarização da HQ pode incentivar o hábito da leitura de forma ampla: leitura das imagens visuais, textualidades e da integração desses códigos. Sua linguagem acessível e narrativa sugere inúmeras possibilidades de abordagens e conteúdos diversificados que podem interessar conforme as escolhas e direcionamento de material ao público de qualquer idade. Todavia, salientamos a importância de destinar a HQ pela idade de seus leitores e suas leitoras, assim como selecionar o conteúdo que será trabalhado na classe, para que os objetivos sejam atingidos. De acordo com Vergueiro (2012), não há limites para o uso dos quadrinhos na aula, muito vai depender da criatividade do (a) professor (a). O autor apresenta algumas características que podem auxiliar na escolha de uma HQ adequada ao ciclo escolar. Vejamos sua observação para o Ensino Médio:

[...] os estudantes dessa fase se caracterizam pela mudança de personalidade, devida à passagem da adolescência para a idade adulta. Passam a ser mais críticos e questionadores em relação ao que recebem em aula, não submetendo-se passivamente a qualquer material que lhes é oferecido. Tendem também a ter uma desconfiança natural (e saudável) em relação aos meios, demandando um tipo de material que desafie sua inteligência. Por outro lado, são também, muito pressionados pelo coletivo, perdendo às vezes um pouco de sua espontaneidade ao terem que confrontar suas opiniões pessoais com as do seu grupo. Nas produções próprias, buscam reproduzir personagens mais próximos da realidade, com articulações, movimentos e detalhes de roupas que acompanham o que veem ao seu redor. (VERGUEIRO, 2012, p. 29).

Conforme o observado na citação, os adolescentes buscam temáticas que desafiem sua criticidade e assuntos atuais. A série de HQ intitulada *Aya de Yopougon*, ambientada no final da década de 1970 do século XX, na região da Costa do Marfim – mais especificamente no distrito operário de Yopougon, também conhecido como Yop City, na cidade de Abidjan – retrata questões bastante atuais, como o debate de gênero, especialmente no que tange à liberdade sexual feminina. Além da possibilidade de estimular o debate acerca do protagonismo feminino e da autoria de uma HQ, um espaço que geralmente é ocupado por homens, podemos estender a problematização por ser um romance gráfico africano. Apesar de a autora produzir em Paris, conforme destacamos abaixo, a HQ retrata elementos de sua infância no bairro onde nasceu.

Aya de Yopougon ganhou o prêmio de melhor álbum de estreia no Festival Internacional de HQ de Angoulême, em 2006. Seu roteiro é elaborado por Marguerite

Aboutet, nascida em Abidjan, em 1971, atualmente radicada na França; a ilustração é de Clément Oubrierie, nascido em Paris, na França, em 1966. Primeiramente editada em francês nas publicações Gallimard Jeunesse, a obra é estruturada em 6 volumes lançados entre 2005 e 2019; os dois primeiros foram publicados em português brasileiro pelo grupo L&PM Editores, respectivamente, em 2009 e 2012, cujas traduções são de Júlia da Rosa Simões, e a HQ foi adotada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) em 2012, ano em que é lançada uma adaptação da novela gráfica em formato de animação com direção da autora e do ilustrador do original.

Para o presente estudo, adotamos os dois primeiros volumes traduzidos para o português brasileiro e publicados, respectivamente, em 2011 e 2012. Doravante utilizaremos *Aya* (em itálico) sempre que nos referirmos à HQ, enquanto a grafia *Aya* corresponderá à personagem. O objetivo geral de trabalhar com essa HQ no Ensino Médio é pelo fato de ela trazer um panorama da África pós-colonial a partir do cotidiano de jovens mulheres. De maneira específica, destacamos as tramas familiares e sociais, assim como também direcionamos para o debate sobre o feminino no contexto histórico retratado.

A HQ elaborada no início da década de 2000 retrata uma ambientação do final da década de 1970, o que nos remete às próprias experiências da autora que nasceu em 1971, em Yopougon, na cidade de Abidjan, também conhecida por “Yop City”, nome dado pelos moradores com a finalidade de imitar os filmes americanos. Aos doze anos de idade, Marguerite Aboutet deixa a Costa do Marfim para continuar os estudos na França. A roteirista não segue uma visão estereotipada, não nos apresenta uma África salientada apenas pela pobreza, fome ou doenças. O objetivo da HQ é levar ao (à) leitor (a) uma nova visão sobre a África, onde encontramos jovens moças bonitas que vão a festas, curtem as músicas do momento e se encontram com rapazes no “Hotel das Mil Estrelas” – mercado público da praça de Yopougon, que fica aberto e com pouca luz à noite, onde os jovens da região se encontram para namorar. Também podemos acompanhar o vocabulário e as gírias utilizadas por jovens da região, pois ao final da HQ o (a) leitor (a) tem acesso a um glossário que permite compreender todos os termos utilizados pela roteirista, item que compõe o “Bônus Marfinense” ao final dos dois volumes.

No Vol. 1, temos, além da HQ, um glossário e mais quatro apêndices que são apresentados por personagens da narrativa. O primeiro relata a representação social da estampa do tecido para as mulheres na sociedade marfinense, por meio do qual é possível

demonstrar, por exemplo, se a mulher é solteira ou não; do tecido pode ser feito um vestido ou simplesmente deixá-lo amarrado na cintura ou na cabeça; logo um passo a passo ensina as mulheres leitoras a prender o tecido em si mesmas. Em seguida, temos uma dica de como rebolar a *tassaba* – o quadril –, uma vez que a maneira de andar e dançar nas festas pode indicar se a mulher está procurando um parceiro. Os dois últimos apêndices são receitas: a primeira é de *gnamankudji* – suco de gengibre – e a segunda é de sopa de amendoim.

No Vol. 2, o “Bônus Marfinense” também conta com um pequeno glossário e mais três apêndices. O primeiro, após o léxico, é uma receita de *kédjénou de frango*, que consiste em uma maneira de preparo do frango feito ao molho com vinho tinto, um acompanhamento para arroz ou cuscuz, por exemplo. Posteriormente, apresenta-se um passo a passo para que uma mulher possa amarrar seu bebê nas costas e assim poder realizar todas as suas atividades cotidianas de uma maneira mais segura e confortável. Por fim, há a explicação de um provérbio marfinense que diz: “quando um bebê está na barriga, ele pertence à mãe. Depois que nasce, ele pertence a todo mundo” (ABOJET; OUBRERIE, 2012, p. 117-119). Nesse momento, a roteirista explica acerca das relações familiares e do significado da *família extensa* na tradição africana. Nos dois volumes, essa sessão final da revista – geralmente utilizada para apresentar estudos de personagens ou capas alternativas – torna-se um espaço para explicar as singularidades da região.

Assim, observamos que *Aya* pode ser trabalhada em sala de aula em sua totalidade. O conteúdo deve ser debatido em todos os seus elementos de composição da linguagem visual e verbal, assim como seus apêndices que contribuem com a formação do conhecimento sobre a temática a partir do léxico, da culinária e da cultura. Tais abordagens serão contempladas ao longo do presente artigo em seus tópicos de discussão. No tópico **Aya de Yopougon**, aprofundamos sobre os eixos de trabalho que podem ser explanados no ensino de História da África e apresentamos os seguintes eixos temáticos: ambientação da narrativa; personagens femininas e cultura tradicional africana. Em diálogo com os autores e as autoras que alicerçam nosso repertório teórico, buscamos contribuir com a comunidade acadêmica por meio do *fazer docente*, seguindo o princípio de Paulo Freire de uma *Pedagogia da Autonomia* (2018). A fim disso, em nosso texto, visamos ofertar subsídios teóricos que favoreçam o aguçamento da *curiosidade epistemológica* dos educandos para que atinjam a *consciência crítica*. Portanto, não pretendemos ofertar respostas ou

apresentar um guia de trabalho, mas sim almejamos contribuir com a prática docente por meio da presente reflexão teórico-metodológica para o ensino de História da África no Ensino Médio.

Aya de Yopougon

Em *Aya*, a narrativa gráfica adota uma linguagem acessível e constante recurso ao viés cômico, características que proporcionam uma leitura agradável e fluida para o público jovem e adulto. Há o enredo das tramas cotidianas que perpassam o início da vida adulta de Aya, a protagonista, e de suas duas amigas: Bintou e Adjoua. Acompanhamos o sonho da protagonista em se tornar médica, uma jovem decidida que adota posicionamentos firmes e críticos em diversos momentos, como sua indignação contra o assédio masculino que ela sofre ao andar na rua (ABOUE; OUBRERIE, 2011, vol. 1, p. 20-21; 39-41) ou negação em participar do concurso Miss Yopougon (ABOUE; OUBRERIE, 2012, vol. 2, p. 35).

No enredo, ainda acompanhamos as subtramas de outras personagens, como Bintou e Adjoua, as quais buscam futuros maridos que possam lhes dar melhores condições financeiras, contudo não deixam de cair nas graças de Mamadou, conhecido como o *conquistador*, que acaba engravidando Adjoua, porém, antes da confirmação, Adjoua atribui a gravidez a Moussa, filho do dono da Solibra; este realiza o casamento dos dois (ABOUE; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 89-93), chegando ao fim quando Hyacinte descobre que Mamadou é o verdadeiro pai (ABOUE; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 23) após ser inegável a semelhança física entre ele e o pequeno Bobby.

Outras subtramas que destacamos são: 1. Moussa e sua relação com o pai, Bonaventure Sissoko. Enquanto o filho leva uma boa vida andando em seu Toyota, automóvel signo de *status*, o senhor Sissoko tenta melhorar o filho o levando para trabalhar com ele na empresa (ABOUE; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 40); 2. a ilusão de Bintou, que se envolve com um “parisiense” (ABOUE; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 36-39) acreditando que ele foi à Costa do Marfim em busca da mulher de sua vida para levá-la a Paris; 3. por fim, salientamos a subtrama de Ignace, pai de Aya, entre sua promoção no trabalho e o encerramento desse ciclo, quando retorna para seu posto de trabalho anterior em Abidjan.

Ao longo de toda a narrativa gráfica, os requadros dos quadrinhos são demarcados de maneira irregular, o traço do desenho das personagens é estilizado, não há nas imagens

uma busca pela perspectiva naturalista, a mudança de planos e ângulos é constante: sempre que temos um momento de transição temporal na narrativa, é adotado um requadro de página inteira, o *close* se faz presente em situações de tensão e a mudança na paleta de cores corresponde ao contexto retratado, por exemplo, em reações de medo e raiva das personagens a escolha é uma paleta de cores quentes, predominando a cor vermelha e a laranja.

A autora utiliza legendas na parte superior dos quadrinhos para apresentar a narração introdutória das personagens da novela gráfica no início no volume 1; logo o recurso volta a aparecer sempre que há transição de tempo; nos demais momentos, ela usa os balões para os diálogos entre as personagens. Vale salientar que o formato dos balões é personalizado conforme as emoções das personagens. Na figura 1, chamamos atenção para o momento em que Ignace é promovido para assumir o escritório de Yamoussoukro; sua empolgação na viagem de carro é tanta que o balão que reproduz a música que ele escuta rompe as linhas de três quadrinhos. Destacamos a escolha da autora por colocar três quadros menores, cena a cena, para apresentar ao (à) leitor (a) três ângulos distintos sobre o carro de Ignace, a fim de que seja possível compreender o alto volume do som do carro que pode ser escutado a distância.

Figura 1 - Viagem de carro de Ignace para Yamoussoukro



Fonte: Abouet; Oubrierie (2011, p. 59).

No decorrer do presente tópico, apresentamos eixos de debates que podem ser agregados ao ensino de História da África no Ensino Médio a partir de *Aya de Yopougon*. Situamos nosso (a) leitor (a) sobre o volume em que o quadrinho se encontra e

estabelecemos um diálogo entre o aporte teórico e metodológico para o estudo do caso. Para fins didáticos, o restante do texto está subdividido em seções.

Ambientação da narrativa

A ambientação da narrativa da HQ (Vol. 1) acontece no ano de 1978, no bairro de Yopougon, também conhecido por “Yop City” em Abidjan, na Costa do Marfim. A narrativa apresenta as aventuras e sonhos de três amigas: Aya, Bintou e Adjoua, sendo a primeira a protagonista que dá nome à série. Todavia, podemos acompanhar as tramas familiares, os sonhos das personagens e diversos elementos da cultura tradicional africana em paralelo com elementos da modernidade e da cultura ocidental, como é o caso do próprio termo “Yop City”, que é designado pelos moradores com objetivo de fazer referência aos filmes americanos, da mesma maneira como há momentos em que as próprias personagens em seus diálogos (vol. 1) fazem referência direta ao seriado americano *Dallas*, bastante popular no mundo inteiro no período.

Marguerite Abouet direciona o (a) leitor (a) para acompanhar as tramas cotidianas de maneira que quaisquer pessoas possam conhecer as jovens por seus sonhos, suas desilusões e resistências em detrimento de uma abordagem que priorize as dificuldades daquele contexto histórico. Segundo Carlos Serrano e Maurício Waldman em sua obra *Memória d'África* (2010), durante a década de 1970, a África viveu uma série de calamidades naturais (estiagens prolongadas) que se mantiveram até a década seguinte, situação que resultou em regiões sem nenhum recurso natural e água, levando muitas comunidades à situação de extrema pobreza e fome. Tal conjuntura condicionou dois eixos: o primeiro, momento em que a África recebeu muito estímulo de capital externo por meio de multinacionais; em paralelo, temos o segundo eixo: com a falta de recursos naturais, muitas famílias migraram para os centros urbanos ou enviaram seus filhos para morar com parentes. A caracterização de ambos os eixos estão presentes em *Aya*. Agora dialogamos entre eles a partir da contextualização histórica na citação de Silvério (2013, p. 510):

As injeções de capital e as transferências tecnológicas produziam-se, sobretudo, em proveito de algumas oligarquias nacionais ou empresas multinacionais. De um modo geral, os grandes bancos, crupiês de jogo de investimentos externos, intimamente ligados aos organismos financeiros e diplomáticos, tinham como motivação, primária e essencial, o lucro em

suas operações, pouco lhes importando as incidências, na nascente ou na foz do processo, a recaírem sobre a sociedade local.

Como podemos observar, o continente africano estava vivendo uma prolongada estiagem durante a década de 1970, fator que automaticamente elevou o índice demográfico urbano, pois as pessoas não tinham como se sustentar nas regiões rurais; paralelamente, em seus blocos diversificados, o continente também estava recebendo estímulo de capital externo, conseqüentemente, a instalação de empresas e fábricas na áreas urbanas e periféricas, caráter que proporcionou uma alternativa para as comunidades que se avolumavam nos centros urbanos e precisavam de trabalhar.

Nessa configuração industrial, Aya inicia o vol. 1 com o primeiro anúncio televisivo da Solibra, a cerveja nacional reconhecida por toda a África Ocidental. A primeira página de Aya é dedicada a uma televisão de tubo catódico com a propaganda. Na página seguinte, há uma panorâmica da família de Aya cujo humor é baseado na sutileza do reconhecimento de quem viveu uma situação semelhante de compartilhamento de tela com familiares e amigos. A cena é composta por dez personagens numa espécie de sofá familiar contínuo. Olhando atentamente, percebemos cadeiras, crianças no chão, mas o enquadramento e posicionamento das personagens induz a ideia de unidade familiar. Destacamos as personagens que circulam e se relacionam com a protagonista.

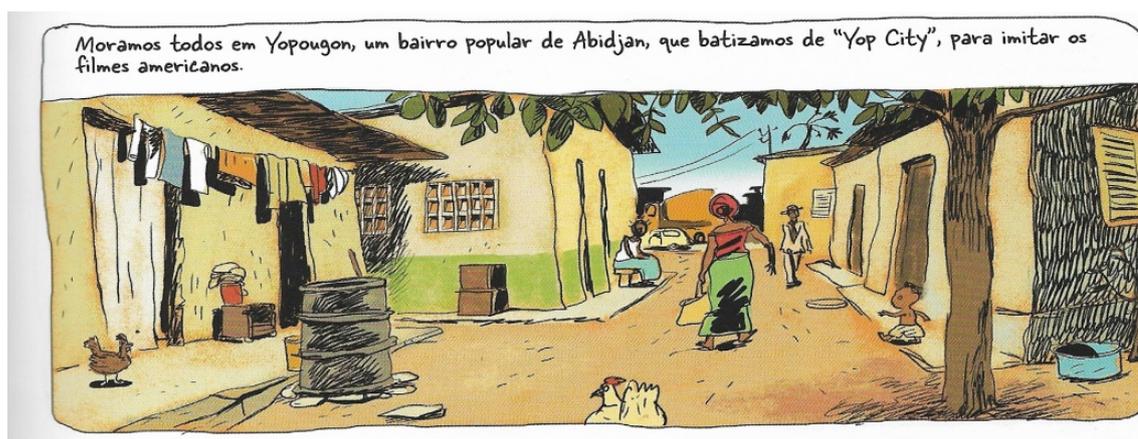
No segundo volume, temos as personagens em redes familiares iniciando com Aya e seus cinco nós; Adjoua tem três, Bintou com dois e o personagem Mamadou (o conquistador) ao seu lado e, por fim, Moussa com dois nós. Cada nó compreende um parente consanguíneo, seja o pai, a mãe, o irmão, a irmã, o primo ou Félicite, empregada da família de Aya apresentada na árvore familiar (ABOUEY; OUBRERIE, 2012, s. p.). O pai de Aya, Ignace, é funcionário da Solibra; em meados do Vol. 1, ele é promovido no trabalho e passa a ser responsável por um novo escritório em Yamoussoukro – cidade que, em 1983, torna-se a capital do país –, porém, no Vol. 2, a unidade é fechada devido à sua baixa rentabilidade para a empresa, logo vários membros da equipe são despedidos, com exceção de Ignace que retorna ao seu posto em Abidjan. “Solibra, a cerveja do homem forte”, é vendida através do anúncio televisivo como aquela que após um gole gera tanta força que o sujeito pode de bicicleta ultrapassar um ônibus. Contudo, ao longo do Vol. 2, observamos que as vendas não são boas, pois as pessoas preferem consumir o *kutuku*, uma bebida à base de vinho de palma, que tem um valor econômico mais acessível que a cerveja

e pode ser produzida em casa, conseqüentemente, o perfil empresarial adota “cortes” que arrastam mais desempregados (as), portanto propensos (as) ao subemprego.

Fanta é a mãe de Aya, assistente de direção na Singer e curandeira nas horas vagas. Os pais de nossa protagonista trabalham em grandes empresas. Conforme observamos na citação de Silvério (2013) acima, a África estava recebendo muito investimento de capital externo. Essa conjuntura pode ser observada através do núcleo familiar de Aya, em que Fanta trabalha na Singer, uma empresa norte-americana fundada em 1851, enquanto Ignace é funcionário de uma grande empresa nacional; o cenário reflete a concentração de riquezas em pequenas famílias africanas que monopolizam o capital, ao passo que a maior parte das famílias permanecem volumosas e vivem de forma simples.

A concentração de riquezas é nítida no desenvolver da narrativa, especialmente ao observarmos a constituição familiar das personagens, a quantidade de pessoas por família e a própria residência. “Yop City” pode ser visualizado na figura 2, onde podemos observar suas ruas irregulares e sem calçamento, comportando pequenas residências; o plano retratado apresenta um ângulo de visão na altura do (a) leitor (a), contudo, pode-se visualizar o cenário que envolve a rua do bairro tornando nítido o espaço limitado entre tantas famílias.

Figura 2 - “Yop City”



Fonte: Abouet; Oubrerie (2011, p. 3).

Em contraponto, os lugares requintados e condizentes com status social são retratados em planos mais abertos e, em outros momentos, ganham até requadros de página inteira. No volume 1, ao apresentar a área externa da casa do senhor Sissoko (2011, p. 30), dono da Solibra, onde o (a) leitor (a) pode visualizar a imensa casa com piscina e

ampla área externa, além de dois seguranças na porta de entrada, também se observa a vizinhança luxuosa no bairro de senhor Sissoko (2011, p. 80). No volume 2, o mesmo recurso é utilizado ao apresentar a área externa do prédio da Solibra (2012, p. 64) e do Hotel Ivoire (2012, p. 36), ambos símbolos de poder do capital.

No entanto, o recurso atribuído pela autora aos símbolos da modernidade não se restringem aos lugares, mas também aos produtos de consumo, como o telefone e a televisão que aparecem em close no volume 1 e no volume 2, além de muitas referências na fala das personagens ao citar o carro de Moussa Sissoko, um Toyota. O automóvel é um atributo de destaque em Moussa para se aproximar das garotas, haja vista que ele não é mencionado no romance gráfico como alguém dotado de beleza física. Para entendermos melhor as vicissitudes do universo feminino em *Aya*, seguimos para a apresentação das personagens e suas tramas.

Personagens Femininas

As personagens femininas no romance gráfico percorrem caminhos em busca de sua liberdade na sociedade. Ao longo dos dois volumes aqui trabalhados, há momentos em que personagens masculinas apresentam posicionamentos machistas, opressores e momentos de agressividade contra personagens femininas. Contudo, há resistência e transgressão pelas mulheres em diversos momentos, especialmente entre as mais jovens, com destaque para Aya, Bintou, Adjoua e Fanta.

Chimamanda N. Adichie (2014) ressalta, em seu manifesto, a importância de que todos sejam feministas, a fim de que o problema de gênero que existe nas sociedades seja reconhecido e trabalhado para que uma solução seja alcançada. Segundo a autora, o problema do gênero é prescrever como as pessoas devem ser e quais expectativas o gênero traz dentro de uma cultura. Adichie (2014) acredita que é possível haver mais mudanças sociais e com elas esse dilema seja revisto, porém é preciso que nosso olhar sobre as relações de gênero mude, para que atitudes vistas e vividas constantemente percam o caráter de normalidade.

Atualmente, a tessitura da historiografia sobre as questões de gênero está mais fortalecida. No Ocidente, salientamos que a História das Mulheres atingiu ampla representatividade na comunidade acadêmica por meio de pesquisadoras como Judith

Butler, Simone de Beauvoir e Michelle Perrot, entre outras. As investigações sobre gênero foram e ainda são muito importantes para a pauta feminista, sendo os pilares da teoria feminista ocidental: mulher, gênero e sororidade. Seu campo reflexivo está restrito ao espaço da família nuclear. De acordo com Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2020, p. 87-88),

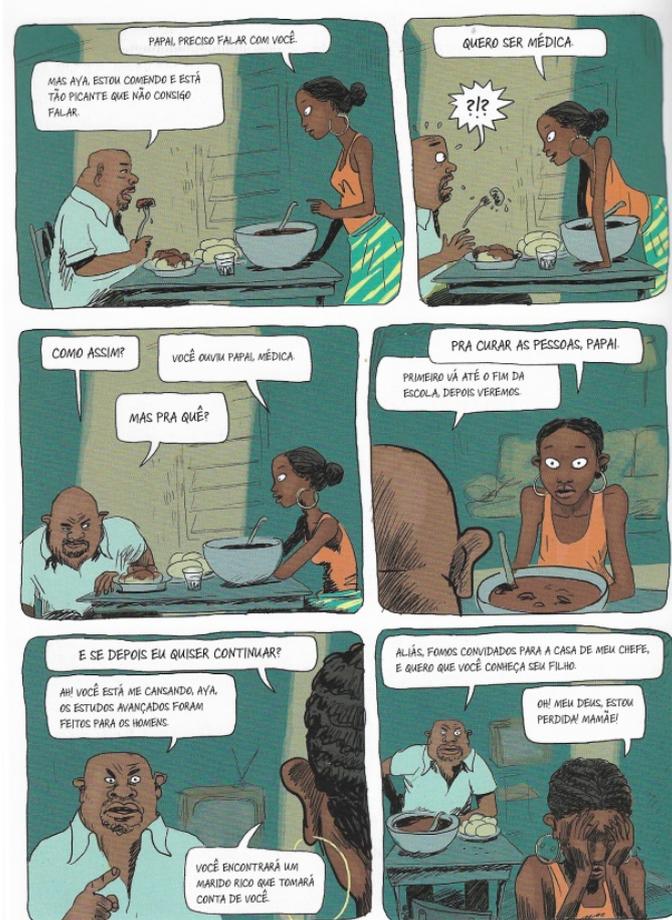
[...] muitos estudiosos têm criticado o gênero como um conceito universal. Muitos têm também mostrado como ele é particular das políticas de mulheres anglófonas/estadunidenses e brancas, especialmente nos próprios Estados Unidos. Talvez a crítica mais importante sobre as articulações feministas em relação ao gênero seja aquela feita por uma série de estudiosas afro-estadunidenses que apontam que, pelo menos nos Estados Unidos, gênero não pode, de forma alguma, ser pensado à parte de raça e classe. Essa posição levou a ênfases sobre as diferenças entre as mulheres e à necessidade de teorizar múltiplas formas de opressão, especialmente quando desigualdades de raça, gênero e classe são evidentes. Fora dos Estados Unidos, as discussões centraram-se sobre a necessidade de se atentar ao imperialismo, à colonização e outras formas locais e globais de estratificação. Esses outros pontos de vista emprestam peso à afirmação de que o gênero não pode ser abstraído do contexto social e de outros sistemas de hierarquia.

Para o debate de gênero na sociedade africana, é necessário contextualizar seu recorte histórico e social, pois não há a mesma noção de família nuclear, nem de hierarquia. Portanto, para o ensino de História da África, colocamos enquanto sugestão metodológica o trabalho com uma produção africana, especialmente neste caso em que pontos de debates podem ser levantados ao mesmo tempo em que um suporte acessível é apresentado. Agora, vamos entender um pouco a subtrama de cada personagem destacada.

Aya é uma personagem forte e crítica. Seu sonho de ser médica rompe com os estereótipos do contexto histórico e social em que nossa protagonista vive. Selecionamos a figura 3 para exposição a partir dos critérios de Scott McCloud (2008) no que concerne aos cinco tipos de escolha que o quadrinho exige para trazer clareza na narrativa. Na figura 3, observamos o momento em que Aya decide contar ao seu pai o sonho de ser médica, logo Ignace mostra-se contra a decisão da filha ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de “encontrar um marido rico que ofereça melhores condições financeiras para ela” (ABOJET; OUBRERIE, 2011, p. 22), ainda destaca que os “estudos avançados são para os homens” (ABOJET; OUBRERIE, 2011, p. 22). O *enquadramento* mostra a tensão entre eles na conversa por meio da escolha de um ângulo de visão médio e da paleta de

cores; Aya é o elemento que mais se destaca dentro da uniformidade de tons que cercam o ambiente do pai; *as imagens* evocam a aparência e reação de ambas as personagens; a escolha das *palavras* nos balões são curtas e diretas enquanto Ignace tenta persuadir sua filha para ela seguir a vontade dele para o seu futuro; o *fluxo* dos quadrinhos da página acontece de maneira precisa, assim como Ignace permanece com o mesmo posicionamento ao longo do enredo; posteriormente, sugere para Aya um envolvimento com Moussa, filho do patrão (ABOUEY; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 70-71), quando o casamento dele e Adjoua é cancelado. Apesar de Fanta ser mais aberta ao desejo da filha de ser médica, ela chega a desconfiar da virgindade dela quando descobre a gravidez de sua amiga (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 53), enquanto Ignace questiona Aya ao observá-la carregar Bobby, filho de Adjoua, nas costas (ABOUEY; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 53) e teme que ela não queira “fazer” um também. Todavia, Aya sempre se mostra desinteressada em relacionamentos amorosos e, ao longo de todo o romance gráfico traduzido, a personagem não faz nenhuma referência a envolvimento amorosos ou a sua vida sexual.

Figura 3 - Aya conta para seu pai que quer ser médica



Fonte: Abouet; Oubrierie (2011, p. 22).

Em contrapartida, as amigas de Aya – Bintou e Adjoua – mostram-se animadas na busca por parceiros e/ou futuros maridos que possam ofertar melhores condições econômicas para elas, o que Aya chama de “série C: cabelo, costura e caça ao marido” (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 18). Ao contrário de Aya, suas amigas têm uma vida sexual ativa, inclusive acabam se envolvendo sexualmente com as mesmas personagens masculinas no enredo do volume 1 da série. A princípio, Bintou aparece com Mamadou no *Ça va Chauffeur* (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 10-11) – que em nossa tradução livre seria *Vai esquentar mais* –; no dia seguinte, ele aparece na casa de Bintou quando Aya e Adjoua estão lá (vol.1, p. 18-19), logo Aya se despede e as amigas ficam com o rapaz; posteriormente, ele aparece na casa de Adjoua (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 48-49), depois volta a aparecer na casa de Bintou (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 63), elementos que indicam que as duas amigas se envolviam com Mamadou. A ponte entre o volume 1 e o volume 2 é justamente Bobby, o filho de Adjoua, pois apesar de ela ter dito que o pai era Moussa, o bebê nasceu parecido fisicamente com Mamadou, seu verdadeiro genitor, de forma que o questionamento sobre a aparência da criança é salientada quando Mamadou chega ao hospital para visitar Adjoua.

Antes da gravidez de Adjoua, ela e Bintou também se envolvem sexualmente com Moussa, mas Bintou, que apresentou os dois, não sabia que Adjoua estava se encontrando com Moussa no “Hotel das Mil Estrelas”. A situação retratada pode ser bastante profícua para debater a liberdade sexual das personagens, especialmente numa sociedade tradicional em que as marcas da matrilinearidade estão restritas dentro das famílias pela ancestralidade, ou seja, a mulher mais velha da família é respeitada e toma para si algumas atividades destinadas ao gênero, como é o caso da arte. Porém, quando se trata da liberdade sexual das mulheres, elas são reprimidas pela figura masculina, o que chegou a configurar uma cena de agressão que Bintou sofre do pai (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 25-26) quando ele a repreende dançando no *Secouez-vous* (Agite-se) com Hyacinthe, pai de Adjoua.

Todavia, não podemos esquecer-nos de Fanta, mãe de Aya, que é denominada de curandeira nas horas vagas (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 2), caráter muito presente na cultura africana desempenhado por muitas mulheres, em especial as mães. Inclusive Adjoua ao se sentir “doente” procura Fanta para se consultar quando descobre que está grávida (ABOUEY; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 51-53). A prática de curandeira nas famílias ou

bairros africanos faz parte da cultura da África tradicional; esse elemento cultural compreende que a vida dos sujeitos está ligada à natureza, buscando nela as respostas para suas dúvidas, suas doenças e harmonia do corpo com as *forças vitais*. De acordo com Serrano e Waldman (2010), é um conceito fundamental na filosofia africana, sendo crível que todos os seres existentes, enquanto homens, vegetais, animais ou seres inanimados, coabitam com o mundo sensível que se manifesta como energia presente em todos os seres e aspectos da vida, portanto permanecem no plural, *forças vitais*. A curandeira busca exatamente cuidar da harmonia da *força vital* presente no indivíduo com o ambiente ao seu redor, para tal realização é necessário certo conhecimento de males que atingem o corpo humano, ervas medicinais ou mesmo um cuidado especial com as aflições do cotidiano que podem enfraquecer um sujeito. Assim, podemos compreender o diálogo da representatividade da personagem feminina com a cultura tradicional africana.

Cultura Tradicional Africana

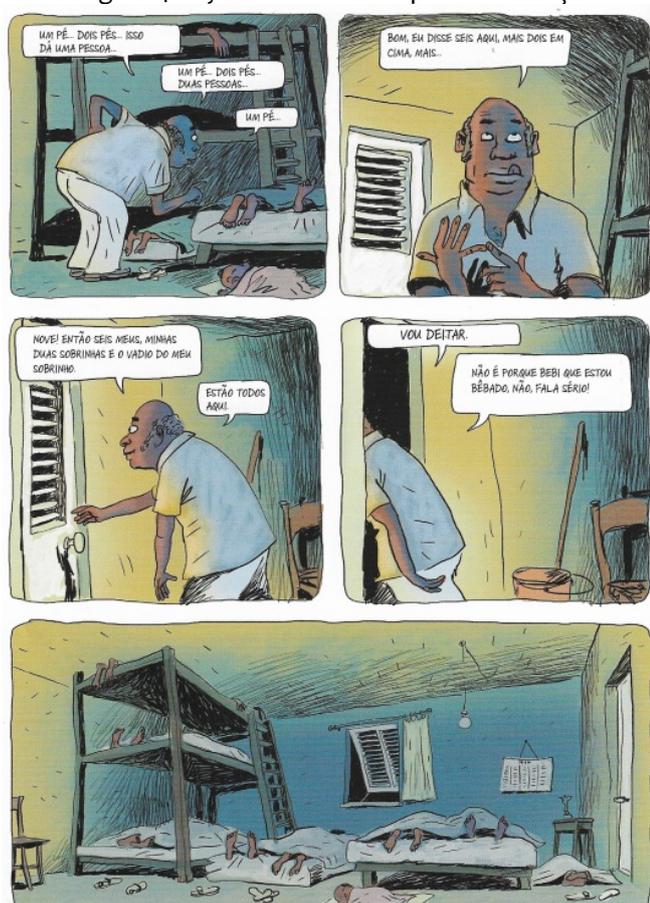
O continente africano é marcado pelas diversas manifestações culturais devido à heterogeneidade de etnias ao longo de seu vasto território. No entanto, há elementos que concernem ao *mundo da tradição*, ou seja, apesar das singularidades que regem cada etnia, há referências que estão presentes na sociedade tradicional africana que “constitui poderoso instrumento de compreensão, permitindo identificar os tentames que compõem o número mais peculiar da africanidade, assegurando uma visão unificadora do continente” (SERRANO; WALDMAN, 2010, p. 126). Portanto, a cultura tradicional africana agrega características que estão presentes na África desde o período pré-colonial, contudo, após o contato com os europeus, principalmente após o século XVI com o estabelecimento de feitorias no interior do território africano, vieses culturais são modificados por meio da “invenção de tradições” durante o período colonial (RANGER, 2012). Mediante os elementos presentes no enredo do romance gráfico, selecionamos alguns que podem ser trabalhados em sala de aula enquanto suporte para debater a cultura tradicional africana: o conceito de família extensa e a religiosidade.

No que concerne à linhagem familiar na África tradicional, ela é considerada a partir de “um ancestral comum conhecido, presente na memória das pessoas, por exemplo, um bisavô ou tetravô” (SERRANO; WALDMAN, 2010, p. 130). Entre as subtramas presentes na

HQ em questão, observamos elementos que caracterizam a família extensa em cenas de personagens distintas. Aqui, apresentamos algumas delas que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Na figura 4, Hyacinthe chega bêbado em casa e é repreendido por sua companheira, Korotoumou. Apesar da embriaguez, Hyacinthe faz questão de contar os pés das crianças no quarto em que dormem, uma prática rotineira adotada por ele. No recorte apresentado abaixo, observamos quatro quadrinhos de foco médio, seguidos por uma tomada panorâmica. Segundo McCloud (2008), o recurso por essa tomada acontece quando há o objetivo de apresentar aos (às) leitores (as) mais informações acerca da personagem e de seus arredores. Na figura 4, na tomada panorâmica ao final da página, é possível verificar que dormem nove pessoas no quarto entre seus filhos e sobrinhos. Mesmo num espaço de controle administrado pelo patriarca da casa, há resistência, pois vemos que sua filha Bintou havia pedido para uma amiga ficar deitada na sua cama, assim, na hora que seu pai fosse contar os pés estaria a quantidade certa.

Figura 4 - Hyacinthe conta os pés das crianças



Fonte: Aboutet; Oubrerie (2011, p. 14).

Na casa de Bintou, também mora Hervé, filho da prima de quinto grau de Hyacinthe. Ele nasceu na aldeia e lá ainda moram seus pais e irmãos mais novos, mas ele foi para Abidjan, que ofertava mais chances de melhorar de vida, justamente pelos motivos apresentados anteriormente acerca da questão econômica no contexto histórico. Hervé mora há muito tempo na casa de Bintou, já não sabe a precisão do tempo, porém não frequenta a escola por ninguém o ter mandado; além disso, acredita que é “inútil”, porque Hyacinthe disse quem ele era e o garoto não questiona seu tio (ABOUE; OUBRERIE, 2011, v.1).

Por fim, outro aspecto da cultura tradicional africana que pode ser utilizado enquanto recurso didático para o ensino de História da África é a questão da religiosidade presente no romance gráfico. Conforme mencionado anteriormente, Fanta é uma curandeira nas horas vagas (ABOUE; OUBRERIE, 2011, v.1, p. 2) e a busca por equilíbrio entre corpo e as forças vitais faz parte da religiosidade africana. Outrossim, salientamos algumas falas de Simone Sissoko ao conversar com seu marido sobre as dificuldades da Solibra pelo baixo número de vendas, o que resulta na demissão de alguns funcionários; logo Simone faz menção que aquela poderia ser a “vontade de Deus”, mas que ela rezaria para que mais pessoas bebessem cerveja e assim os lucros pudessem aumentar (ABOUE; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 9). A mesma personagem, quando informada sobre o falecimento de um parente na aldeia, atribui o fato à possível ação de feiticeiros e, justamente com medo, nega que seu filho Moussa acompanhe ela e seu esposo ao funeral na aldeia (ABOUE; OUBRERIE, 2012, v.2, p. 85). A miscelânea de referências religiosas da mesma personagem é um exemplo de resultados do período colonial na África, quando elementos do cristianismo são inseridos naquela sociedade, contudo os fios da cultura tradicional não são apagados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões do presente estudo traçaram possibilidades para a utilização da narrativa gráfica *Aya de Yopougon* enquanto recurso metodológico para o ensino de História da África. No alicerce teórico e metodológico, partiu de autores que são referência acerca da temática em questão, logo contribuímos com a comunidade acadêmica a partir de nossa leitura sobre a HQ e sua relação com a Educação.

Reconhecemos que o uso da HQ não é uma “receita milagrosa” (VERGUEIRO, 2012), porém pode contribuir enquanto suporte para tornar a aula de História mais atraente, haja vista que é um meio de comunicação em massa acessível e popular. No espaço escolar, principalmente nos materiais didáticos, as tirinhas são as mais difundidas, a partir delas o código verbal é o mais explorado para realização de estudos.

Para a elaboração do presente texto, partimos do pressuposto de Túlio Vilela (2012) para trabalhar com quadrinhos na aula História, assim realizamos nossa pesquisa para apresentar a autora e seu vínculo com a temática tratada. Ratificamos a importância de *Aya* por ser uma obra de autoria feminina num espaço eminentemente branco e masculino, além de abordarmos no enredo três personagens femininas com seus sonhos, resistências e busca pela liberdade.

Aya pode servir como um ponto de partida para discutir temas relacionados ao ensino de História da África. O (a) professor (a) de História poderá levar o romance gráfico para introduzir o desenvolvimento do assunto, ou mesmo poderá ser apresentado a partir de recortes específicos, assim como poderá trabalhar os dois volumes ou apenas o primeiro. As abordagens aqui apresentadas são apenas algumas possibilidades de trabalho; não pretendemos esgotar o tema, pois muito ainda falta ser analisado, apenas pretendemos contribuir com os estudos que já foram feitos a partir de *Aya de Yopougon*. A título de exemplo, podemos citar o estudo de Marcos Bagno (2017) sobre a obra em francês e sua tradução para o português brasileiro; outro trabalho é de Déborah A. Miranda (2019), uma dissertação de mestrado que investigou a literatura de língua francesa e o corpo feminino negro.

Concluímos que diversas características do cotidiano são representadas, dentre as quais destacamos: a indumentária, a alimentação, os espaços de sociabilidade, as gírias e as expressões, práticas de diversão. Ainda, a HQ não se isenta do debate sobre o cotidiano e o machismo, a desigualdade de gênero e as relações de poder nas diversas esferas que são expostas, recorrendo ao humor com eficácia para discutir questões de gênero e poder.

REFERÊNCIAS

ABOUEY, M.; OUBRERIE, C. **Aya de Yopougon**. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2011. (Vol. 1).

ABOUEY, M.; OUBRERIE, C. **Aya de Yopougon**. Tradução de Júlia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2012. (Vol. 2).

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAGNO, M. Oralidade inverossímil e romance gráfico: a tradução brasileira de *Aya de Yopougon*. In: **Tradução e diásporas negras**. Porto Alegre, n. 13, jun., 2017, p. 163-184.

BRASIL. M.E. **Programa nacional biblioteca da escola (PNBE)**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13915-pnbe-2012-seb-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 25 de junho de 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 57ª ed. RJ/SP: Paz e Terra, 2018.

MCCLOUD, S. **Desenhando quadrinhos**. Tradução de Roger Maioli dos Santos. São Paulo: M. Books Editora Ltda, 2008.

MIRANDA, D. A. **Silêncio ou ecos de vozes femininas em três personagens do romance gráfico Aya de Yopougon**. 2019. Dissertação. (Mestrado em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.

NEIVA, E. **Dicionário de Comunicação e Multimídia**. Instituto Antônio Houaiss. São Paulo: Publifolha, 2013.

OYĔWÙMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In: HOLLANDA, H. B. de. (Org. e Apr.); et.al. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 84-95.

RANGER, T. A invenção da tradição na África colonial. In: HOBBSAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. [Ed. Especial]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 262-326.

SERRANO, C.; W. M. Africanidade, tradição e modernidade. In: _____. **Memória d'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVÉRIO, V. R. **Síntese da coleção História geral da África: Século XVI ao século XX**. Coordenação de Valter Roberto Silvério e autoria de Maria Corina Rocha, Mariana Blanco Rincón, Muryatan Santana Barbosa. Brasília: UNESCO, MEC, UFScar, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Atlas, 1987.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. *In*: BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-64.

VILELA, T. Os quadrinhos na aula de História. *In*: BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012, p. 105-130.

Recebido em: 29/06/2020

Parecer em: 09/07/2020

Aprovado em: 16/07/2020